UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Aline Pamela Bevilacqua (7999741)
Ana Elisa Yumi Makino Ogata (7999626)
Pamella Gabriela de Melo (7999592)

Trabalho Prático Final:
Campanha "Doe-se"

SÃO PAULO
2013

Aline Pamela Bevilacqua (7999741)
Ana Elisa Yumi Makino Ogata (7999626)
Pamella Gabriela de Melo (7999592)

Trabalho Prático Final:
Campanha "Doe-se"

Monografia referente à disciplina de Comunicação Digital e Novas Mídias do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

SÃO PAULO
2013

SUMÁRIO

1. **Introdução** 4
2. **Histórico** 4
3. **Jurídico** 5
4. **Situação Atual** 5
5. **Percepção dos familiares e ética** 6
6. **Projeto** 7
7. **Ações** 7
8. **Resenhas**
   - **8.1** **A História dos Transplantes (Manuel Lemes da Silva Neto)** 9
   - **8.2** **Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadávers (Marcelo José Santos, Maria Massarollo, Maria Cristina K. Braga)** 10
   - **8.3** **A experiência de doar órgãos na visão de familiares de doadores (Maria Lucia A. Sadala)** 11
9. **Bibliografia** 12

1. Introdução

A doação de órgãos no Brasil é cada vez maior, ocupando o segundo lugar em doações do mundo, sendo que 90% destes ocorrem pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Apesar disso, ainda existem muitas dúvidas sobre a doação, que geram insegurança por parte das pessoas e diminui o número de doadores. Além disso, não basta somente querer ser um doador, é necessário avisar a família sobre essa vontade, visto que é ela que dará o veredicto final sobre essa decisão. Assim, é necessário conscientizar e educar a população sobre a doação de órgãos, para que seja possível salvar mais e mais vidas.

2. Histórico

Os transplantes já são realizados pelo homem desde a antiguidade, com relatos de possíveis transplantes por volta de 287 d.C.. Todavia, a aplicação destes mais documentada foi por volta do final do século XIX e começo do século XX, a começar por um transplante mais simples, como o transplante de córnea.

Os primeiros transplantes de órgãos, como o rins, fígado e pulmão, por exemplo, começaram a ocorrer na década de 50, principalmente em animais, mas também em seres humanos. Porém, pela falta de conhecimentos de como preservar o órgão, a falta de imunossupressores e até mesmo a rejeição destes pelo corpo do receptor foram fatores que dificultavam o êxito destas ações.

Manoel Lemes destaca em seu artigo "História do Transplante" a descoberta dos imunossupressores como a solução para estes problemas que levavam ao fracasso do procedimento. Este surgiu na década de 80, data que também marca os primeiros transplantes que ocorrem com sucesso.

Assim, as técnicas de transplantes foram se aprimorando e a ciência fazia cada vez mais novas descobertas ao longo dos anos. Hoje já possuímos barreiras diferentes das que tínhamos no começo deste procedimentos, que devem ser contornadas da melhor forma possível para melhorar ainda mais os transplantes e salvar mais vidas.

3. Jurídico

Atualmente, não existe leis e direitos que dizem respeito a pessoa que doará os órgãos, muito menos uma regulamentação sobre a decisão desta pessoa. Assim, no que diz respeito a pessoa que deseja ser doadora de órgãos, esta somente pode comunicar a sua família sobre este desejo, pois nenhum documento ou carta escrita pela mesma é válida, se a família não permitir.

Em relação a pessoa transplantada, não existem também leis específicas para estes, mas muitas outras leis que já vigoram são válidas para este caso, como o LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social, Aposentadoria por Invalidez, Auxílio Doença, por exemplo. Claro que estas leis não são específicas para transplantados, como já mencionado anteriormente, assim, este deve se enquadrar nas outros requisitos desta lei, para usufruir de seus benefícios.

4. Situação Atual

Com o avanço da medicina, é normal que novas formas de tratamento e novas técnicas sejam testadas e implementadas. Em relação à doação de órgãos e realização de transplantes, é possível notar que ao longo das décadas a quantidade de transplantes de órgãos tem crescido substancialmente. Por exemplo, no final da década de 90 foram realizados 5038 transplantes no Brasil, enquanto que em já em 2013, 15.141 transplantes de órgãos foram realizados. E 95% feitos pelo Sistema Único de Saúde (SUS)

Outro aspecto também muito importante é o índice de aprovação de doação por parte da família, que também subiu consideravelmente nos últimos anos, o que resultou em uma proporção de 12,8 pessoas por milhão de doadores por habitantes em 2012. A perspectiva para 2013 é de 13,5 pessoas por milhão de pessoas. Além disso, alguns estados possuem médias ainda maiores de doadores, se equiparando a países de primeiro mundo. Em 2011, o Brasil era o segundo país em transplantes do mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos. Apesar do grande feito, especialistas afirmavam que a quantidade ainda era muito pequena,

comparada a população do país.

Com todos esses avanços e mudanças, o número de pessoas que aguardam na fila de transplantes também diminuiu. Em 2010 eram 59.728 pessoas a espera de um órgão; hoje este número caiu para 38.759.

Todos estes bons resultados não estão ligados apenas ao número crescente de doadores, mas também a todo a infra estrutura e organização para a realização desses, principalmente pelo SUS. Com 27 centrais de notificação, captação e distribuição de orgãos, 1047 equipes de transplantes e 71 organizações de procura por órgãos; transplantes como o de córnea possui "fila zero" em alguns estados brasileiros.

Interessante ressaltar que as melhorias não param, apesar dos bons resultados. O ministro da Saúde, em uma entrevista, afirmou um problema quanto ao transporte do órgão, no qual a solução em que ele deve permanecer não é eficaz em muitos casos. Assim, a ideia é fabricar esta substância no próprio país. Além disso, tentará promover a regionalização dos centros de transplante.

Desta forma, podemos perceber o quanto o quadro dos transplantes está se alterando, não somente no Brasil, mas no mundo. Um exemplo disso é a rede social Facebook, que possui a opção de colocar em seus dados pessoais, a decisão de ser um doador de órgãos.

5. Percepção dos familiares e éticas

A percepção dos familiares é uma questão extremamente relevante, uma vez que envolva inúmeras questões: há muitas dúvidas em torno da concepção de morte encefálica, muitos familiares desconhecem o procedimento, outros, após conceder a doação, desenvolvem um conflito interno se questionando quanto a ter ou não realizado o desejo de seu ente, entre outros.

Nesse contexto, verifica-se a necessidade de se desenvolver um processo de acompanhamento e assistência aos familiares ao longo do processo, pois o sucesso da captação de órgãos pode depender em muito do relacionamento desenvolvido entre os profissionais responsáveis pela mediação do processo e as famílias

envolvidas. Uma boa instrução acerca do funcionamento do processo ou um suporte em termos emocionais pode ser definitivo para a permissão de órgãos.

Ainda nesse aspecto, para a efetivação da doação, é necessário que os profissionais da saúde adotem uma postura ética e profissional, tendo paciência com o tempo necessário para os familiares assimilarem a morte do familiar, sem pressioná-los ou coagi-los à permissão, além de fornecer informações claras concernentes ao procedimento e à concepção de morte cerebral. Além disso, é necessário compreender, uma vez permitida a doação, diferentes famílias terão reações distintas e particulares ao longo do processo e que, portanto, necessitarão de apoio e assistências diferenciados.

Deve-se considerar a questão do consentimento é carregada de complexidade e muito relacionada a uma carga emocional, visto que envolve a perda de um ente associada à concepção e assimilação de sua morte. Portanto, o profissional da saúde deve munir de informação ao máximo os familiares do doador, para que a decisão, seja qual for, seja tomada da maneira mais consciente possível.

6. Projeto

Devido à importância da doação de órgãos, assim como dito acima, a Campanha "Doe-se" tem como principal objetivo a conscientização das pessoas em relação a importância da doação de órgãos, tentando evidenciar a capacidade que esse gesto tem atingir diversas pessoas e salvar muitas vidas. Portanto, a campanha tentará, a partir da disseminação de informações explicar todos os passos e tudo o que precisa ser feito durante o processo de doação.

7. Ações

A campanha tem como objetivo principal a conscientização através da informação e para que esse objetivo seja alcançado, ela contará com a criação de uma página na rede social Facebook. Essa página será a principal fonte de informações sobre o processo de doação de órgãos, pois ela trará a apresentação

de dados históricos; irá evidenciar a situação atual com números e estatísticas; explicará detalhes médicos que estão por detrás de procedimentos; além de explicar quem pode ser doador e o que é preciso fazer para se tornar um. E todas essas informações são detalhes que podem auxiliar as pessoas a entender melhor o que, de fato, é a doação de órgãos.

Além disso, a Campanha "Doe-se" também quer trazer a participação e a conscientização das pessoas para o plano físico e para isso tentará organizar um evento. A ideia seria a realização de uma caminhada que ocorreria em um domingo, no período da manhã e em um parque de São Paulo, como o Parque do Ibirapuera. Esta seria uma forma de reunir pessoas que já estão engajadas na causa e também convencer outra parte da população sobre a importância da doação. Vale ressaltar que o evento teria como finalidade apenas a participação das pessoas, sendo totalmente gratuito e sem fins lucrativos. E ainda no que diz respeito a realização da caminhada, seria muito válido conseguir o patrocínio ou o apoio de hospitais, como, por exemplo, o Hospital das Clínicas ou o Hospital de Transplantes do Estado de São Paulo Dr. Euryclides de Jesus Zerbini.

Desta forma, a caminhada seria para aproximadamente 8 mil pessoas (número aproximado de participantes em outras caminhadas com propósitos semelhantes), com distribuição de um kit de caminhada, que irá conter camiseta personalizada, squeeze e uma revista do evento, com informações sobre a doação de órgãos, para a conscientização. Além disso, haverá prêmios simbólicos para os três primeiros colocados da caminhada de cada categoria (masculino e feminino), dois pares de tênis esportivos para caminhas e corridas. Os modelos serão previamente escolhidos pela organizaação, os vencedores poderão retirar os tênis das marcas Nike ou Mizuno, com um comprovante, em lojas já pré-estabelecidas. E todos aqueles que concluírem a caminhada, receberão uma medalha simbólica, como lembrança do evento.

No mesmo, haverá tendas para distribuição dos kits e para informar ainda mais sobre a doação de órgãos. As pessoas poderão se dirigir até as tendas e tirar algumas dúvidas com pessoas habilitadas no assunto. Todo este evento será divulgado por meio da página do Facebook e pelos meios tradicionais de mídia, como revistas e televisão aberta.

Por fim, com todas estas ações esperamos um aumento do número de pessoas que desejam ser doadores em 20%, além de uma estimativa de 1000 "curtidas" na página no Facebook e uma adesão de 2000 participantes no evento.

8. Resenha

8.1 – A História dos Transplantes (Manuel Lemes da Silva Neto)

No artigo "História dos transplantes", o autor Manoel Lemes da Silva Neto traz um panorama geral dos primeiros transplantes ocorridos e documentados no mundo, nos auxiliando a entender a evolução do processo e as principais dificuldades desde sua origem.

Primeiramente, ele traz os primeiros possíveis relatos de transplantes da história. Ele cita como o primeiro transplante o relato bíblico de Adão, no qual afirma que foi deste que se fez a mulher. Outro ponto interessante foi um transplante realizado em 287 d.C. por dois médicos chineses que transplantaram uma perna de um homem. Interessante ressaltar como esses dois pontos, por mais que possam não ser acontecido, mostra como a ideia de transplantar uma parte do corpo não é atual.

Os primeiros transplantes começam a ser realizados e estudados no final do século XIX e começo do século XX. O autor destaca algumas dificuldades do período, como a incompatibilidade sanguínea, pois antes não se sabia dos tipos de sangue. E isso foi sendo estudado e melhorado, principalmente no período da Primeira Guerra Mundial. Transplantes mais simples, como de córnea foram desenvolvidos e aplicados efetivamente nas primeiras décadas do século XX. Todavia, muitos outros não.

O autor relata um pouco do histórico do transplante renal, do coração, fígado e pulmão. Em sua grande maioria, os primeiros relatos de transplante ocorreram na década de 50 e foram realizados em humanos, mas principalmente em animais. Interessante ressaltar que o êxito nestes transplantes fora nulo, muitas vezes o paciente não sobrevivia e, quando isso ocorria, era por semanas ou meses.

Inúmeros fatores eram a causa deste cenário, como a rejeição dos órgãos, a má preservação dos órgãos, a imunossupressão. Outro fator relevante apresentado

pelo autor foi a realização dos transplantes em animais saudáveis, cujo quadro clínico era totalmente diferente de um ser humano doente. Assim, os resultados não ocorriam igualmente.

Foram necessários muitos anos e inúmeros transplantes e, principalmente, a criação de imunossupressores na década de 80, para que estes transplantes ocorressem com sucesso. Desde então, as técnicas tem sido cada vez mais aprimoradas, principalmente com o advento da tecnologia.

Em suma, a leitura do artigo nos mostra a clara dificuldade e os grandes avanços da ciência na área do transplantes. Necessário dar ênfase nos inúmeros testes, transplantes mal sucedidos que ocorreram antes, para que tudo pudesse ocorrer de maneira certa. Hoje nos deparamos com barreiras muito diferentes destas apresentadas e acredito que temos muito a tentar para que os transplantes sejam cada vez mais realizados no mundo, salvando cada vez mais vidas.

8.2- Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadávers (Marcelo José Santos, Maria Massarollo, Maria Cristina K. Braga)

No artigo "*Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres*" de 2005, os autores possuem como objetivo maior mostrar qual a percepção que familiares possuem durante todo o processo de doação de órgãos. Para isso foram entrevistadas sete pessoas que perderam familiares e/ou conhecidos, a partir do que foi dito foi possível chegar a conclusões interessantes sobre esse assunto.

É interessante que os autores apontam logo no começo do texto um aspecto muito relevante e que por diversas vezes faz com que os familiares não permitam ou não aceitem a doação de órgãos. A falta de comunicação entre os médicos e a família (de uma forma geral entre a esfera da medicina e o resto da população) faz com que muitas dúvidas e questionamentos fiquem pendentes, sendo que se houvesse uma explicação sobre todo o processo, a doação de órgão enfrentaria menos barreiras.

Apesar do artigo não explicar exatamente como ocorre o processo de morte

encefálica, aquele que possibilita a doação de órgãos, fica bastante claro que é necessário que os familiares tenham conhecimento do que acontece com o corpo dos seus entes queridos para conseguir aceitar a morte e como consequência a doação dos órgãos.

Além desses aspectos, o texto também tem como objetivo esclarecer como o processo todo de doação de órgãos é visto pelos amigos e familiares, desde modo uma pesquisa em forma de entrevista foi realizada, e o resultado é que, exatamente, devido à falta de comunicação entre as duas partes envolvidas, o processo de doação acaba sendo muito estressante, cansativo e burocrático para as famílias.

É interessante e relevante que o artigo aponte como a doação de órgãos ocorre e como o processo é visto e entendido, além de focar bastante nos aspectos que precisam ser melhorados para que tudo se torne mais prático e menos cansativo, dentro do possível, para aqueles que desejam ajudar ao próximo mesmo em situações complicadas.

Portanto, é possível dizer que o artigo apresenta-se de forma útil e atende aos objetivos que foram propostos. Entretanto, vale a pena apontar que também seria muito bom se algumas dicas ou métodos fossem sugeridos para que a comunicação durante o processo melhore e dessa forma, seja menos estressante e difícil para os familiares aceitarem e enfrentarem o processo de doação de órgãos.

8.3 - A experiência de doar órgãos na visão de familiares de doadores (Maria Lucia A. Sadala)

O artigo em questão aborda o tema de doação de órgãos de pacientes com morte encefálica, com um viés mais voltado para o trabalho a ser desenvolvido com os familiares do doador antes, durante e após o processo de doação. Nele, é ressaltada a relevância em se desenvolver um trabalho mais aprofundado com os familiares, preparando-os para o processo e que os torne cientes do procedimento como um todo e dos desdobramentos consequentes de sua decisão.

Por meio de entrevistas realizadas com 18 familiares cadastrados na Central de Captação de órgãos do Estado de São Paulo, foram coletados dados de estudo que permitiram tirar algumas conclusões a respeito da diversidade de reações apresentadas pelos familiares e de sua concepção a respeito do ato de doar

órgãos e do conceito de morte encefálica, evidenciando o desconhecimento total ou parcial por parte das famílias em relação a isso e a sua reivindicação quanto à necessidade de apoio e maior atenção às famílias ao longo do processo de doação.

9. Bibliografia

BOUSSO, Regina Szylit. O PROCESSO DE DECISÃO FAMILIAR NA DOAÇÃO DE óRGÃOS DO FILHO: Uma teoria substantiva. 2008.

FARIA, Jeovane G. et al. Doação de orgãos para transplantes: informação e opinião de moradores do interior do Estado de São Paulo. Jornal Brasileiro de Transplantes, Vol 10, N. 3 – Julho/Setembro 2007.

NETO, Manoel Lemes da Silva. A história dos transplantes.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. Doação de órgãos: meu corpo, minha sociedade. 1998

SANTOS, Marcelo José; MASSAROLLO, Maria Cristina Komatsu Braga. PROCESSO DE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: PERCEPÇÃO DE FAMILIARES DE DOADORES CADÁVERES. Revista Latina de Enfermagem, 2005.

SADALA, Maria Lúcia A.. A experiência de doar órgãos na visão de familiares de doadores. Jornal Brasileiro de Nefrologia, Ed. 23, 2001.